

Reflexões teóricas para uma genealogia foucaultiana da identidade docente: O professor bacharel na educação profissional e tecnológica¹

RESUMO

Por meio deste artigo são apresentados alguns fundamentos teóricos e reflexões acerca das genealogias foucaultianas, bem como da questão da identidade sob a ótica dos Estudos Culturais. Ao final apresenta-se textualmente a reflexão especificamente acerca da identidade docente do professor bacharel que atua no ensino de ciência e tecnologia na Educação Profissional e Tecnológica, por meio da possibilidade de um “ramo genealógico” que trata da questão dessa identidade como de sujeito subjetivado no e pelo discurso neoliberal contemporâneo, inserido em uma trajetória profissional bastante específica.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Professor não licenciado. Rede EPT. Ensino de ciências. Educação tecnológica.

Netulio Alarcon Fioratti

n.fioratti@gmail.com

0000-0001-8713-165X

Instituto Federal do Paraná, Umuarama, Paraná, Brasil.
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil.

Lourdes Aparecida Della Justina

lourdesjustina@gmail.com

0000-0001-6013-7234

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil.

Dulce Maria Strieder

dulce.strieder@unioeste.br

0000-0003-4495-6664

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presença de professores bacharéis nos cursos de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMI), os quais também oferecem a Educação Básica (Ensino Médio), é uma realidade amplamente reconhecida pelos membros da comunidade escolar da Educação Profissional. Esta prática é observada tanto na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede EPT), quanto em instituições estaduais, no âmbito do “Sistema S” e em outros contextos em que tais cursos são oferecidos.

O sujeito desta investigação se graduou inicialmente em um curso que não era de formação de professores, mas atua como tal, prestou um concurso e tomou posse de um cargo público de professor em uma área de conhecimento muito específica. Alguns destes sujeitos, mesmo mirando a vertente pesquisadora ou extensionista, acabaram entrando em salas de aula de cursos que também proveem educação básica a seus estudantes, além da formação profissional. O currículo integrado complexifica a situação ainda mais, assim como todos os desdobramentos que esta característica do currículo pode oferecer.

O fato de que o professor bacharel dos cursos de EMI também seja responsável por promover a educação científica e tecnológica de seus estudantes pode ser compreendido por meio do currículo integrado ou ainda pelos conceitos científicos presentes nos saberes técnicos profissionais, tudo conforme as bases conceituais da Rede EPT (SILVA; ROSA, 2021), do Ensino Médio Integrado (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005) e ainda da Lei de instituição da Rede EPT (BRASIL, 2008).

Neste momento, o centro desta pesquisa é a formação docente voltada para a promoção da Educação Científica e Tecnológica pelo Professor Bacharel dos cursos de EMI na Rede EPT. Este artigo orbita e apoia este centro ao objetivar a compreensão da complexa identidade docente desse professor.

O que é proposto aqui são alguns elementos por meio dos quais seja possível tratar a questão sob outra ótica: a realização de um contato com as possibilidades de constituição da identidade desse sujeito específico, identidade docente, que também é ator social. Isso inclui explorar seu processo de subjetivação e assujeitamento, uma análise do discurso no qual sua identidade é constituída. A frase anterior pode ser entendida como intencionalidade de construir uma genealogia inspirada em Foucault (1985) para entender a identidade docente. Além disso, propõe explorar a identidade docente sob a perspectiva dos Estudos Culturais (SILVA, 2000, 2002; HALL, 2003, 2016). Em suma, propõe-se um caminho, dentre os muitos possíveis, para abordagem do problema do professor bacharel do EMI com base nos Estudos Culturais e foucaultianos.

Este texto é resultado de pesquisa na qual o pesquisador também está em constante aprendizado. Em um jogo de palavras inspirado em Guimarães Rosa, talvez, de repente ensina, ensinar mais no sentido de difundir, com a certeza de que a constituição do sujeito pesquisador e docente, da sua identidade, vai se consolidando e se alterando conforme sua pesquisa se desenrola, em ressonância com Maria do Rosário Gregolin quando, em uma entrevista (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018, p. 202), comenta que “[...] como todo pesquisador, o encontro com seu autor e com o seu objeto vai sendo construído ao longo do tempo”.

Alguns dos interlocutores podem ter tomado a iniciativa de ler este texto apenas com o intuito de observar a forma utilizada para dar conta do proposto. Pretende-se honestidade quando é mencionado que não se quer “dar conta” de um assunto, mas sim apresentar alguns elementos de uma concreta, dentre as diversas, possibilidade de abordagem.

É perceptível que este texto se baseia em metodologias de pesquisas pós-críticas em educação (MEYER; PARAÍSO, 2012), com especial admiração para os trabalhos de Silva (2000, 2002) e outras “investigações com currículos de *gosto duvidoso*” – referência ao título do artigo de Maknamara e Paraíso (2013, p. 41, itálico no original).

Até este ponto, o texto apresentou o contexto, o problema e o objetivo da pesquisa, além de esboçar elementos da metodologia. Essa metodologia é vista como um estudo de método, começando pela genealogia foucaultiana, inspirada em Nietzsche (2017), e depois discutindo a identidade sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Ambos os assuntos estão algo emaranhados entre si para (também) tratar de traços da identidade docente do professor bacharel que atua no ensino de ciência e tecnologia na Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio.

AS GENEALOGIAS

Esta seção reúne algumas considerações teóricas sobre o estudo genealógico como meio para produção, apropriação e divulgação de conhecimento. As maiores inspirações são os estudos realizados por Foucault em *A história da loucura* (FOUCAULT, 1978) e, principalmente, em *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 2014), por serem genealogias reconhecidas até fora do meio acadêmico como obras de relevância. As considerações aqui tecidas se embasam principalmente no prólogo (ou prefácio na edição em mãos) de *A genealogia da moral* de Nietzsche (NIETZSCHE, 2017), por ter sido uma das principais obras a inspirar Foucault na produção de suas genealogias, como é possível observar no texto *Nietzsche, a genealogia e a história* que consta no livro *Microfísica do poder* (FOUCAULT, 1985), que também foi utilizado na redação desta seção.

Um primeiro ponto de *A genealogia da moral* (NIETZSCHE, 2017, p. 13) que é considerado relevante para esta análise é o questionamento apresentado em seu prólogo: “Qual é definitivamente a origem da nossa ideia do bem e do mal?”. É certo que este questionamento já havia sido realizado por diversos outros filósofos no decorrer da história da filosofia, mas os desdobramentos da investigação genealógica realizada por Nietzsche trouxeram questionamentos específicos:

De que modo inventou o homem essas apreciações “o bem e o mal”? E que valor têm em si mesmas? Foram ou não foram desfavoráveis ao desenvolvimento humano? São um sinal de calamidade, de empobrecimento, de degeneração da vida? Ou indicam, pelo contrário, a plenitude, a força e a vontade de viver, seu valor, sua confiança, seu futuro? (NIETZSCHE, 2017, p. 13).

Tendo sido as “apreciações ‘o bem e o mal’” inventadas pelo homem e na possibilidade de o bem promover “degeneração da vida” ou a diminuição da vontade de poder, na linguagem do próprio filósofo, está o cerne do que houve de mais autêntico na obra em questão. Um dos pontos mais significativo dessa obra é o olhar desconfiado e surpreendente: de que maneira algo considerado

intrinsecamente bom pode resultar na “degeneração da vida”? Este caminho tornou-se um tanto mais detalhado:

Necessitamos de uma crítica dos valores morais e, antes de tudo, deve-se **discutir o valor desses valores** e por isso é totalmente necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor dos quais se desenvolveram e nos quais se deformaram [...], como certo conhecimento que nunca houve outro igual nem poderá haver. Era um verdadeiro postulado o valor desses valores, como um fato, como estando além de todo questionamento; [...] (NIETZSCHE, 2017, p. 15, grifo nosso).

“Discutir o valor desses valores”, é pensado como a ação mais condensadora, mais significativa, dos atos de alguém que pretende elaborar uma genealogia. Se as “apreciações ‘o bem e o mal’” foram inventadas, elas o foram para servir a um propósito. Qual seria o valor por trás destes valores? A quem serve a moral platônico-judaico-cristã? O mais interessante é que por meio dessas perguntas, na obra de Nietzsche, outros questionamentos também surgiram *pari passu* às respostas bastante profundas que não serão expostas aqui.

Como pretendentes a genealogistas, buscamos ir além da visão convencional, explorando uma genealogia que não se limite a mapear as origens do presente, mas que também investigue os valores subjacentes a essas origens. Na tentativa de diminuir a pretensiosidade da escrita neste texto, utilizando-se dos termos do próprio Nietzsche (2017, p. 14), realiza-se “talvez a colocação de um erro por outro erro” – compreende-se o erro, aqui, como uma verdade provisória.

A menção às “origens do presente” aqui nos remete inevitavelmente a Michael Foucault, especialmente quando, ao final do capítulo inicial de *Vigiar e Punir*, ele discute a história do presente:

Que as punições em geral e a prisão se originem de uma tecnologia política do corpo **talvez me tenham ensinado mais pelo presente do que pela história**. [...] É desta prisão, com todos os investimentos políticos do corpo que ela reúne em sua arquitetura fechada que eu gostaria de fazer a história. Por puro anacronismo? Não, se entendemos com isso fazer a **história do passado nos termos do presente**. Sim, se entendemos com isso fazer a **história do presente** (FOUCAULT, 2014, p. 33-34, grifos nossos).

Esse trecho é bastante exemplificador daquilo que Foucault pretendia em sua genealogia, mas também deixa claras as controvérsias que poderiam ser mencionadas por seus interlocutores críticos ao mesmo tempo em que materializa provocações pelas quais ainda é conhecido contemporaneamente.

Foucault inicialmente desenvolve seus estudos por meio de uma metodologia a que atribui característica de arqueológica, que consiste na escavação das camadas que correspondem à sedimentação e sucessiva sobreposição das diversas eras históricas. Cada camada tem sua própria “episteme”, isto é, seu modo de constituição específico, uma estrutura geral de pensamento que impõe um padrão aos discursos daquele período, com a atribuição de ser responsável por cobrir a camada anterior. Essa estética de pesquisa pode ser superficialmente comparada às “revoluções de paradigmas” de Thomas Kuhn (GARLAND, 2014).

Posteriormente em sua trajetória, Foucault acaba assumindo a genealogia como modo de pesquisa, diferente tanto em sua estrutura quanto nas suas finalidades:

“Vigiar e Punir” representa uma ruptura com este trabalho arqueológico anterior e a tradição da história da ciência da qual ele emergiu. Vão-se a “arqueologia” com suas implicações estruturalistas e sua ênfase na descontinuidade e, em seu lugar, é estabelecido um conceito novo, mais nietzschiano: aquele da genealogia. A partir de meados da década de 1970, Foucault designou seu trabalho como genealógico, como uma nova “genealogia da moral”, sinalizando, desse modo, seu novo objetivo e também sua dívida com o trabalho de Friedrich Nietzsche. E é nessa abordagem genealógica histórico-crítica que nós podemos apreciar melhor o que Foucault exprime quando ele fala de escrever uma “história do presente” (GARLAND, 2014, p. 81-82).

É possível, então, perceber que na arqueologia há algo de identificação de uma estrutura, uma intenção de estudar quais são os discursos nos e pelos quais os saberes se constituíram, suas origens e como se entrelaçaram para compor cada um dos determinados períodos históricos em questão. Mesmo que seja necessário o desvelamento, a escavação das sucessivas camadas, na arqueologia o foco acaba sendo colocado sobre as diferenças entre cada uma delas.

Já na genealogia é possível perceber que este trabalho de análise dos discursos assume caráter menos sucessório no sentido de sobreposição. Há interesse em expor proveniência e contingência desses discursos para a formatação do presente naquilo que há de recorrente entre os períodos, algo que permeia todas as camadas, que as torna diferentes, mas que permanece em cada uma delas, mesmo que em evolução.

Da arqueologia para a genealogia, segundo Castro (2014, p. 69), “[...] Foucault se desloca da análise das epistemes à descrição dos dispositivos”. Convém comentar que não há uma diferenciação única e inequívoca entre a abordagem arqueológica e a genealógica de Foucault. Na prática, a transição não envolve o abandono completo da arqueologia em favor da genealogia, mas sim uma remodelagem da conduta de estudo:

[...] esses deslocamentos no pensamento de Foucault não são rupturas, mas torsões, movimentos em torno de um eixo. Por vezes, é possível encontrar um ponto diametralmente oposto a outro, porém o central é o eixo desses deslocamentos e o modo em que surge a possibilidade de leva-los a cabo. A nosso ver, esse eixo não está representado nem pelo saber, nem pelo poder, nem pelo sujeito, mas pela maneira que eles se correlacionam (CASTRO, 2014, p. 75).

Um traço relevante da genealogia foucaultiana, de grande valor para diversas frentes de estudos, que com base em Silva (2000) habitualmente são resumidas como estudos da diferença, é que ela:

Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns. **As genealogias não são, portanto, retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata** (FOUCAULT, 1999, p. 13-14, grifo nosso).

Essa característica fundamental do pensamento foucaultiano suscita diversas reflexões, incluindo refletir sobre se os discursos que produzem efeitos de verdade, que produtivamente legitimam suas próprias circunstâncias inevitavelmente desqualificam outros saberes e, conseqüentemente, retiram-lhes

poder. É a noção de “saberes sujeitados” presente no curso *Em defesa da sociedade* (FOUCAULT, 1999).

Isto posto, as considerações encaminham-se na direção da relevância da Análise do Discurso (AD) como meio pelo qual uma genealogia pode ser composta. Vale ressaltar que o trabalho realizado sobre os discursos em questão não é exatamente o mesmo da linguística. Gore (2002) traz uma possibilidade específica para análise dos discursos que bem elucida o que se compreende por uma AD adequada à composição de uma genealogia foucaultiana:

[...] o termo “discurso” é usado aqui como o é por Foucault e pelo pós-estruturalismo: o foco está muito mais no conteúdo e no contexto da linguagem. Os discursos, no contexto de relações de poder específicas, historicamente constituídas, e invocando noções particulares de verdade, definem as ações e os eventos que são plausíveis, racionalizados ou justificados num dado campo (GORE, 2002, p. 9).

Assim mostra-se o conceito de discurso que está sendo utilizado: pretende-se, pois, observar os efeitos de verdade e as possibilidades de subjetivação que emergem a partir do discurso, considerando que os discursos, ao constituírem os sujeitos, moldam os traços de suas identidades, silenciando uns e potencializando outros.

A AD possui uma grande multiplicidade de possibilidades para o uso de suas ferramentas e sobre isso Gregolin, em uma entrevista (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018), comenta que

[...] na França a AD não era feita por linguistas, era feita por filósofos, historiadores. [...] se observa que hoje a Análise do Discurso não é um campo, não é uma área de estudos que pertença ao campo das Letras. [...] é um campo bem heterogêneo, tanto teoricamente quanto em relação aos seus objetos (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018, p. 202-203).

Ainda considerando os pensamentos presentes na mencionada entrevista concedida por Gregolin (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018), a contribuição dos estudos foucaultianos, quando inseridos na (ou tomados pela) AD, nesta pesquisa é compreendida como sendo uma das maiores possibilidades de superar os estudos marxianos, não no sentido de deixá-los para trás, mas no sentido de entendê-los como uma das análises possíveis.

[...] acho que nossos trabalhos se tornaram mais críticos, mais políticos, [...]. Na base da perspectiva de um marxismo mais ortodoxo, as lutas econômicas são predominantes. Todavia, quando a gente vai para Foucault, ele tem uma visão muito mais heterogênea do social e do real histórico, primeiro porque ele tem uma concepção de história que é nietzschiana. Para ele, a história é descontínua, dispersa. Segundo, porque ele faz uma leitura da obra de Marx para as questões contemporâneas e mostra que vivemos um capitalismo muito mais complexo do que as lutas econômicas. As lutas econômicas existem, as classes existem, mas existem também muitas outras lutas no mundo contemporâneo [...] (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018, p. 203).

Desta forma, entende-se estarem explícitas algumas das possíveis vias pelas quais a composição de uma genealogia pode passar, tendo apontado alguns dos pressupostos teóricos e metodológicos para isso.

IDENTIDADES E OS ESTUDOS CULTURAIS

No verbete “identidade” do *Dicionário de Filosofia* de Abbagnano (2007), encontram-se três definições fundamentais para o conceito: um primeiro, aristotélico, no qual identidade é “a unidade da substância, portanto da definição que a expressa”; um segundo, a partir de Leibniz, que “aproxima o conceito de identidade ao de igualdade”; e uma terceira definição, mais relativista, de forma que a identidade

[...] pode ser estabelecida ou reconhecida. De acordo com essa concepção, não é possível estabelecer em definitivo o significado da identidade ou o critério para reconhecê-la, mas, dentro de determinado sistema linguístico, é possível determinar esse critério de forma convencional, mas oportuna (ABBAGNANO, 2007, p. 528).

Essa terceira concepção pode ser considerada a mais adequada para os estudos por meio da genealogia foucaultiana e das Análises do Discurso com Michel Foucault e tendo os Estudos Culturais como elemento que promove agregação entre algumas das possíveis formas de realizar essa abordagem da questão da identidade e da diferença. Talvez não seja por acaso que Abbagnano (2007, p. 528) considera “a concepção menos dogmática e mais ajustada às exigências do pensamento lógico-filosófico”.

Ainda no âmbito dos dicionários, Japiassú e Marcondes (2001) dão ênfase a esse elemento importante do estudo da identidade: a diferença.

A questão da identidade e da diferença, do mesmo e do outro, é uma das questões mais centrais da metafísica clássica em seu surgimento (Heráclito, Parmênides, Platão). Temos, por um lado, a busca de um elemento único, a essência, o ser, que explique a totalidade do real (Parmênides); por outro lado, o pluralismo de Heráclito vê o real como reino da diferença, da mudança e do conflito, sendo que em um sentido dialético algo pode ser e não ser o mesmo, já que está em mudança. Platão busca, de certo modo, conciliar ambas as posições que o influenciaram em sua metafísica dualista, segundo a qual a mudança pertence ao mundo material, ao mundo das aparências, sendo o mundo das formas fixo, eterno, imutável (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 103).

Como elemento essencial para a compreensão da questão a partir dos Estudos Culturais, Woodward (2000, p. 9, grifo nosso) destaca: “A identidade [...] se distingue por aquilo que ela não é. [...] A identidade é, assim, marcada pela **diferença**”.

A abordagem da questão da identidade, ou melhor, da diferença, pode ser realizada por meio de um grande número de vias e instrumentos, dadas as características multifacetadas do conceito (GREGOLIN, 2008), o que demanda um delineamento metodológico coerente com a complexidade da questão. Este é um dos argumentos para o uso dos Estudos Culturais como meio pelo qual aqueles que pretendem compreender melhor a identidade e a diferença podem recorrer.

Esta característica de abordar de forma complexa os problemas culturais, que são naturalmente complexos, é descrita por Baptista (2009) da seguinte forma:

Metodologicamente, em vez de se compartimentarem os problemas, passou-se então a integrar diversos métodos capazes de darem conta, através do uso de diferentes perspectivas, da complexidade multifacetada de um problema

em particular, abandonando qualquer pretensão de encontrar explicações causais e definitivas para as realidades em estudo. Assim, mais do que interdisciplinaridade, tratava-se essencialmente de reconhecer a complexidade e as limitações de objectividade no contexto dos Estudos Culturais (BAPTISTA, 2009, p. 455).

Ao comentar que pesquisadores das mais diversas áreas desenvolvem projetos de investigação com esta abordagem, Baptista (2009, p. 456) ainda ressalta que os Estudos Culturais resultam em “[...] verdadeira interdisciplinaridade que procura resolver um conjunto de problemas culturais através do uso de paradigmas teóricos, metodológicos e estilísticos de origem diversa”. Assim, é possível traçar um panorama superficial do que tratam os Estudos Culturais e por que vêm sendo utilizados para abordar a questão da identidade e da diferença, o que pode ser complementado com outro trecho do mesmo texto:

[...] o estudo relativo aos modos de construção política e social das ‘identidades’, abordando as questões da nação, raça, etnicidade, diáspora, colonialismo e pós-colonialismo, sexo e gênero, etc. têm sido das temáticas mais investigadas nos últimos anos, dando origem a uma importante massa de resultados de grande qualidade e importância fora e dentro das academias (BAPTISTA, 2009, p. 457).

Em *Cultura e Representação* (HALL, 2016), especialmente, mas não somente, no capítulo 1, fica evidente a importância do trabalho de Foucault para os Estudos Culturais, particularmente pelos estudos da relação entre os discursos, o poder e o sujeito. No último aspecto citado, nos estudos sobre o sujeito e os processos de constituição subjetiva por meio da representação e da significação que a linguagem traz, está a questão da constituição discursiva da identidade. Deste modo, a AD realizada em conjunto com o pensamento de Foucault é importante para compreender elementos de uma identidade específica.

[...] [Michel Foucault] quer o tempo todo que a gente não caia na tentação de querer encontrar a verdade, mas sim como os dispositivos têm diferentes táticas, práticas e estratégias para nos ligar à verdade, para dizer “qual é a minha verdade”. E essa verdade não existe, não há uma verdade, mas muitas, e aí ele é profundamente nietzschiano quando fala isso, quando reafirma que a história é uma construção, que **não há uma verdade na história e o sujeito é uma produção histórica**. Não há também uma verdade no próprio sujeito, o que há são lutas, batalhas, brigas, explosões. E é isso que é interessante que os nossos trabalhos analisem. Não é porque eu sou de determinado modo que eu tenho em mim essa verdade e essa consciência. **O sujeito é dividido, não é porque sou de dada forma que eu vou o tempo todo me deter a essa identidade. Não, porque nós somos muitos. Sendo um, nós somos muitos.** Acho que essa que é a grande lição e que faz com a gente seja mais crítico e ao mesmo tempo mais humano, tendo essa consciência de que sempre vai me faltar pedaços. Eu sou incompleto e não preciso me desesperar por isso, porque é próprio da humanidade, mesmo que provoque esse mal-estar que os autores chamam de mal-estar da modernidade, da pós-modernidade, essa condição pós-moderna, essa ideia de que nós somos muito heterogêneos (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018, p. 206, grifos nossos).

Com os grifos feitos nesse trecho tenciona-se evidenciar um caráter da identidade, o da multiplicidade e fluidez “ao longo do tempo”. Como um todo, esta citação traz algo de metodologia, do que se busca ao utilizar o pensamento de Foucault em uma pesquisa discursiva acerca da identidade, bem como uma

dimensão acerca da questão da identidade, complementada também pelo que segue:

A identidade [...] é um pesadelo, é uma máscara que nós somos obrigados a adotar e em tudo está a luta, e as principais lutas contemporâneas se dão em torno da questão da identidade, contra a sujeição, seja a sujeição em relação a um outro que quer te sujeitar pelo poder econômico, político, mas também a sua sujeição a si mesmo, sua sujeição a uma identidade que foi produzida fora, mas a qual você é obrigado pelo outro a se identificar (OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018, p. 206).

Gregolin (2008) questiona se é possível pensar a identidade como efeito de sentido produzido na e pela linguagem e, conseqüentemente, como tratá-la como objeto da AD. Conclui com elemento importante de ser considerado, a elaboração de uma AD, por meio de uma arqueogenealogia:

Cabe ao arqueogenealogista interpretar ou fazer a história do presente, mostrando que as transformações históricas foram as responsáveis pela nossa atual constituição como sujeitos objetiváveis por ciências, normalizáveis por disciplinas e dotados de uma subjetividade [...] (GREGOLIN, 2008, p. 92-93).

Um outro ponto interessante no estudo da identidade e da diferença é a questão da multiplicidade de possibilidades de identidades simultâneas, uma condição inerente às infinitas possibilidades discursivas em que os sujeitos podem estar inseridos e as posições a partir das quais são autorizados a enunciar:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? **Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar** (WOODWARD, 2000, p. 17, grifo nosso).

Esse grifo tem a intenção de evidenciar, diferente do grifo anterior, o caráter múltiplo e fluido das identidades “no espaço”, ou seja, nas diferentes posições em que os sujeitos podem estar inseridos, serem constituídos e a partir das quais agem e enunciam. Complementa-se assim aquilo que foi comunicado no comentário do grifo anterior a esse, totalizando a possibilidade de as identidades serem múltiplas no espaço e fluidas no tempo. Essa condição, associada aos comentários de Woodward (2000) sobre mudanças que estariam ocorrendo nas últimas décadas, culmina na produção de uma “crise de identidade”, trazendo à tona mais graus de complexidade da questão.

Hall (2003) elabora esse mesmo ponto, da fluidez e multiplicidade da identidade, de forma mais concreta ao trazer suas três concepções de identidade: a de sujeito do Iluminismo, mais racional e individualista; a de sujeito sociológico, formado na interação entre si e a sociedade; e a de sujeito pós-moderno, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2003, p. 13).

Fica evidente a possibilidade da existência de diversas identidades para um mesmo indivíduo, conforme o discurso e o sistema de significação que o interpelam. Assim, faz sentido falar em identidade de gênero, identidade parental,

identidade profissional, entre outras. Sendo a docência uma profissão, possuir uma análise da história do presente acerca dessa identidade profissional, uma genealogia desses modos de compreender, estar e fazer no mundo, pode auxiliar a discutir o valor de seus valores.

UM RAMO GENEALÓGICO DE UMA IDENTIDADE

Nesta seção apresentam-se reflexões acerca de dois traços da genealogia da identidade docente do professor bacharel da Rede EPT, dentre os diversos possíveis. Uma metáfora para compreender aquilo que se pretende realizar é a do galho em uma árvore. Aqui estão apenas algumas observações acerca de partes dentre aquelas que constituem o todo, sem esquecer que esta é a ótica, o olhar destes pesquisadores, sobre esta “árvore” complexa que é a identidade do docente professor bacharel da Rede EPT, especificamente que atua no ensino de ciência e tecnologia. A saber, um desses traços é a questão neoliberal na formação da educação profissional e o outro é a especificidade da carreira do professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica (Professor EBTT).

No curso intitulado *Em defesa da sociedade* Foucault (1999) apresenta a questão de que alguns saberes são desqualificados no processo de consolidação de outros. Isso muitas vezes não é uma perspectiva pura, simples e consciente de dominação, mas uma forma de resistência a um saber-poder que produziu efeitos tanto produtivos quanto repressivos. É uma das facetas do aspecto positivo do poder: produzir, também, resistências. Como em todo discurso observado pela ótica foucaultiana, as relações saber-poder que ali existem nunca são apenas repressivas, elas também produzem.

O que se ressalta neste momento é que o resultado dessa produção pode ser positivo em sua rede principal de saber-poder, mas também pode produzir efeitos negativos ao influenciar outras redes que constituem o todo.

Compreende-se estar aqui uma das possíveis origens do discurso que pode produzir sentido de desvalorização do bacharel enquanto docente: a constituição da carreira docente (licenciado) acontece a duras penas em uma sociedade onde o desequilibrado liberalismo econômico exige a produção de “empreendedores de si”, sempre demandando aplicações pragmáticas e financeiramente produtivas dos saberes adquiridos pelos estudantes nos processos educativos.

Na referida sociedade de liberalismo econômico desequilibrado, a constituição subjetiva e social do indivíduo é centrada em seu aspecto financeiramente produtivo. Nesse contexto, tanto o professor que ensina as artes, as ciências humanas e sociais quanto aqueles que ensinam as ciências naturais, a matemática, a técnica e a tecnologia de forma crítica e reflexiva, como componente cultural, socialmente referenciados e levando em conta sua vertente política, são vistos como ineficientes, pois não produzem os esperados efeitos financeiros imediatos. Em resumo, não educam “empreendedores de si”, não estão alinhados à produção de “sujeitos do desempenho” (HAN, 2022).

Isso posto, é possível ponderar que os bacharéis quando ensinam correm o risco de serem entendidos como mais alinhados ao interesse do liberalismo econômico pós-moderno: estão aí para ensinar apenas a profissão, estão aí para ensinar **a se encaixarem no mercado de trabalho**. Esse contexto permite compor

uma representação que pode causar efeitos de risco ao restante da classe de professores, uma espécie de corrupção interna.

Os elementos apresentados tornam-se questão de pesquisa acadêmica quando há a compreensão de que, se determinado grupo identitário vê no outro grupo aspecto que realmente os diferenciam, mas o faz de forma que, de acordo com a moral vigente para a prática docente, colocaria um grupo em demérito quando relacionado ao outro, há a origem de um possível conflito de identidades e uma exemplificação de uma trama do poder microfísico (FOUCAULT, 1985), “por meio do qual todos vigiam, controlam, disciplinam a todos (o *panopticon*)” (GREGOLIN, 2008, p. 93, *italico no original*).

É relevante apontar, ainda, que não há aqui intenção de fazer uma valoração moral sobre a prática docente de um ou de outro, mas sim tentar caracterizar um possível conflito entre identidades contribuindo para a constituição da genealogia da identidade de um perfil docente específico. Além disso, busca-se promover contribuição para relações agonísticas e potencializadoras da vida entre o mesmo e o outro, independente de qual perfil identitário seja o mesmo e de qual seja o outro.

Ainda no contexto das mazelas que podem ser observadas como tendo origem no neoliberalismo, há um outro campo de controvérsias que vale a pena ser analisado, pois é, novamente, um ponto de disputa entre discursos que, desta vez, não atinge apenas o professor bacharel, mas o faz com mais intensidade dada a natureza daquilo que ele foi contratado para “prioritariamente” ensinar. Questiona-se: ensinar para que(m)?

A Educação Profissional e Tecnológica é particularmente atingida pela dúvida sobre as finalidades da Educação, se o que se ensina é voltado para o trabalho como um mercado, para a formação emancipadora do indivíduo, se para sua existência em sociedade. As reflexões comentadas são amplamente discutidas em documentos específicos da Rede EPT (BRASIL, 2007) e publicações que tratam do Ensino Médio Integrado (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005). Essas publicações norteadoras constituem um discurso de resistência àquele mais global, mais presente e mais difundido em outros dispositivos, portanto, detentor de maior poder, o discurso neoliberal.

Desde Althusser (1980) em *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, essa questão vem sendo elaborada. Algumas ideias de Foucault, especialmente presentes em *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 2014), contribuem para a discussão sobre a função da escola como aparelho reproduzidor da disciplina e produtor de corpos úteis, aqui nas palavras de Gregolin (2008):

O sujeito é uma permanente construção, no interior da história. [...] A disciplina fabrica indivíduos úteis. Ao mesmo tempo, a sociedade moderna faz a “objetivação” aparecer ao sujeito como “subjetividade” (acreditamos que somos livres, únicos, donos de nosso destino...). Nossa sociedade privilegia o poder da norma, da vigilância e do exame bem como uma verdade técnico-científica acerca do individual. Por esses mecanismos, o Ocidente criou uma verdade: a da individualidade (GREGOLIN, 2008, p. 93).

Esse assunto torna-se imbricado à questão da identidade como indicado no seguinte parágrafo do texto de Gregolin (2008, p. 93, grifo nosso): “Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, **os discursos [...] envolvem-se em batalhas expressando as lutas em torno de dispositivos identitários**”. É assim que

se entrelaça a questão da identidade sob a ótica dos Estudos Culturais com o que foi apresentado: a identidade não é fixa ou permanentemente estabelecida, mas discursivamente construída e reconstruída.

Como manifestação concreta, é possível perceber a atuação docente, especialmente dos bacharéis, pois são responsáveis de forma mais explícita pelo ensino da técnica, da tecnologia e de dimensões mais instrucionais da ciência, alinhadas ao predominante discurso neoliberal.

Existem resistências na malha microfísica, mas a constituição identitária conflituosa desse docente dificulta e enfraquece essas resistências. Assim, é comum ainda na prática docente materializar-se também uma tendência a um ensino de ciência e tecnologia que considera as produções técnico-científicas como sendo verdades neutras e desvinculadas das demais produções culturais, correndo-se os riscos dos desdobramentos dessa condição, tratados por filósofos da tecnologia como Gilbert Simondon, o brasileiro Álvaro Vieira Pinto e outros (OLIVEIRA, 2023).

As limitações e as fronteiras entre os elementos que compõem o currículo escolar estabelecem campos de ação localizados. Os currículos integrados do EMI possuem a pretensão de reduzir a intensidade da divisão entre os componentes curriculares, produzindo uma nova forma de organização dos espaços e dos tempos do ensino nos cursos onde são aplicados. Os estudantes certamente estão sujeitos aos efeitos desse novo formato – afinal, é para o ensino que ele é idealizado –, mas não se pode esquecer todos os desdobramentos desta condição curricular para o docente.

É possível observar a organização curricular como dispositivo, como elemento prático que produz contingências que regulam as condutas (FREITAS; OLIVEIRA, 2015) e acabam por moldar subjetividades, tanto de estudantes quanto docentes. Se na carreira dos professores do Magistério Superior (MS) ou de cursos de Educação Básica (não integrados à educação profissional) a questão da integração curricular já se apresenta de difícil implementação, para o professor bacharel do EBTT a condição pode se tornar um outro desafio. Situação complexificada pelo fato de que justamente o currículo integrado é uma via pela qual este professor ensina ciência e tecnologia, além de elementos do currículo da profissão e da educação básica.

Aqueles professores bacharéis que não tiveram contato em situações anteriores com a possibilidade de organização curricular proposta pelos currículos integrados certamente passam por mais um momento de reconfiguração de seu modo de agir docente. Esse novo campo de atuação acaba sendo também um novo campo de forças, mais um dos elementos que pressionam em direção a novas configurações de sua identidade profissional já constituída.

Por fim, é importante considerar que os discursos se encaminham para uma constituição subjetiva quase que à revelia do sujeito. Para Foucault o sujeito não é pré-discursivo, “o sujeito é uma permanente construção, no interior da história” (GREGOLIN, 2008, p. 93). Dessa forma, cabe ao genealogista (ou ao arqueogenealogista, ou ao analista do discurso) contribuir para que os sujeitos tomem consciência das condições nas quais sua subjetividade se compõe e para as quais seus processos de identificação se inclinam, permitindo que cada um reflita sobre o valor de seus valores, na direção de um cuidado de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Profissional e Tecnológica conforme praticada na Rede EPT, instituída em 2008 (BRASIL, 2008), é relativamente jovem. Portanto, talvez a questão da identidade docente que atua no ensino de ciência e tecnologia nessa rede não possa ser observada em raízes tão antigas quanto aquelas abordadas por Nietzsche (2017) com a moral, ou Foucault (1978, 2014) com a loucura e a prisão. No entanto, ainda é perfeitamente possível de ser observada em suas “raízes” espalhadas pelo espaço, pelos locais que esse sujeito pode ocupar e a partir dos quais é autorizado a falar. Assim como ocorre com qualquer identidade docente, ela tem servido para atender objetivos de produzir corpos úteis à produção capitalista no contexto liberal contemporâneo.

Considera-se, portanto, que a AD e a genealogia foucaultiana são ferramentas importantes utilizadas pelos Estudos Culturais, sendo essenciais para a compreensão da constituição da identidade docente do professor bacharel que atua no ensino de ciência e tecnologia na Rede EPT. Dessa forma, considera-se que essas compreensões podem encaminhar os sujeitos envolvidos nessa prática formativa para uma perspectiva pedagógica mais nietzscheaneamente potente, de diálogo, agonismo, cultivo de si, assim como da construção coletiva e harmoniosa de si, do outro e do social.

Uma condução que pode ser vista como bastante profícua para a questão certamente passa por, em vez de se pensar em conflitos entre as identidades, reconhecer a diversidade de identidades profissionais e valorizar a contribuição de cada uma delas para a sociedade como um todo. Esse enfoque pode ser reforçado recorrendo a Foucault (1995, p. 239), quando diz que:

[...] talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrar deste ‘duplo constrangimento’ político que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno (FOUCAULT, 1995, p. 239).

Além disso, como descrito nas considerações iniciais, essas reflexões são teóricas e pautadas no desenvolvimento de uma análise discursiva foucaultiana. Foi abordada uma genealogia muito específica: a da identidade docente do professor bacharel que atua no ensino de ciência e tecnologia na Rede EPT. Essas reflexões podem, por sua vez, fomentar discussões em outros contextos formativos docentes.

THEORETICAL REFLECTIONS FOR A FOUCAULDIAN GENEALOGY OF TEACHING IDENTITY: THE BACHELOR TEACHER IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

ABSTRACT

Through this article, we present some theoretical foundations and reflections on Foucauldian genealogies, as well as on the issue of identity from the perspective of Cultural Studies. At the end, we textually materialize the reflection specifically about the teaching identity of the bachelor teacher who works in the teaching of science and technology in Professional and Technological Education, through the possibility of a “genealogical branch” that deals with the question of this identity as a subjectivated subject in and by the contemporary neoliberal discourse, inserted in a very specific professional trajectory.

KEYWORDS: Foucauldian genealogy. Cultural studies. Teaching identity. Bachelor teacher. Professional and technological education.

NOTAS

1 Este trabalho se trata de uma versão mais completa, revisada e detalhada em relação àquela apresentada e presente nos anais do VII Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia (VII SINECT), submetida à “Edição Especial – SINECT” desta Revista por indicação dos organizadores do evento.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença : Martins Fontes, 1980.

BAPTISTA, M. M. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets**, [S. l.], n. 1, p. 451-461, 1 jun. 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 11.892, de 28 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 dez. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 02 fev. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Ministério da Educação. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio**: documento base. Brasília, 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/280>. Acesso em: 2 fev. 2024.

CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FOUCAULT, M. **História da loucura na antiguidade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Coleção Estudos).

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso do Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, J. A.; OLIVEIRA, C. J. A produção de subjetividades docentes na educação profissional e tecnológica: em ação o dispositivo currículo. **Revista Eletrônica de Educação**, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 281-291, 2015. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1236>. Acesso em: 02 fev. 2024.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. N. (org.). **Ensino Médio Integrado**: Concepção e Contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GARLAND, D. O que significa escrever uma "história do presente"? A abordagem genealógica de Foucault explicada. **Revista Justiça e Sistema Criminal**. Tradução de Leandro Ayres França. [S. l.], v. 6, n. 10, p. 73-96, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistajusticaesistemacriminal.fae.edu/direito/article/view/14>. Acesso em: 02 fev. 2024.

GORE, J. M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 1. p. 09-10.

GREGOLIN, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 81-97, 2008. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1058/906>. Acesso em: 02 fev. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, S. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica de Arthur Ituassu; Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAN, B. Terror da autenticidade. In: HAN, B. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes. 2022.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.

MAKNAMARA, M.; PARAÍSO, M. A. Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 41-53, jul./dez. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432013000200005&script=sci_abstract&lng=en. Acesso em: 02 fev. 2024.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NIETZSCHE, F. W. **A genealogia da moral**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

OLIVEIRA, P. R. R. D.; OLIVEIRA, G. F.; NOGUEIRA, M. A. Análise do discurso, Foucault e mídia: entrevista com Maria do Rosário Gregolin. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 201–207, 2018. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/663>. Acesso em: 02 fev. 2024.

OLIVEIRA, M. P. Uma reflexão sobre a filosofia da tecnologia: onde está o humano da técnica?. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/14483>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, C. N. N.; ROSA, D. S. (org.). **As bases conceituais na EPT**. Brasília: Nova Paideia, 2021.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 1. p. 7-72.

Recebido: 27 abr. 2023.

Aprovado: 05 abr. 2024.

DOI: 10.3895/rbect.v17n2.16837

Como citar: FIORATTI, N. A.; JUSTINA, L. A. D.; STRIEDER, D. M. Reflexões teóricas para uma genealogia foucaultiana da identidade docente: O professor bacharel na educação profissional e tecnológica¹. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 17, Edição Especial, p. 1-18, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/16837>>. Acesso em: XX.

Correspondência: Netulio Alarcon Fioratti – n.fioratti@gmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

